



A EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO HUMANA E O DUPLO ASPECTO DA SUA INTERNALIZAÇÃO

Jessica Holanda Lemos¹
Jaireilson Silva de Sousa²
Adauto Lopes da Silva Filho³

Education as human formation and the double aspect of its internalization

Resumo:

No presente trabalho, buscamos apresentar o duplo sentido da educação, tomando por base o pensamento de György Lukács em sua obra *Para uma ontologia do ser social*, e de István Mészáros em sua obra *A educação para além do capital*. Sabemos que a educação deve estar orientada para a constituição de uma autêntica emancipação humana, rompendo com concepções que buscam atender ao capitalismo e que objetivam a manutenção do status quo social. Para Lukács, a educação tem dois sentidos: o sentido amplo, que diz respeito ao contínuo processo de formação humana; e o sentido estrito, que se refere às formas mais específicas da educação, como a escolar, por exemplo. Nesse último sentido a educação apresenta um duplo aspecto, pois, pode ser utilizada para a internalização e/ou fixação de determinados comportamentos requeridos pela sociedade de forma negativa, ao atender os ditames do capitalismo, ou de forma positiva quando se volta para preparar os homens para a sua sociabilidade. Nesse último aspecto, uma educação orientada para além do capital, como defende Mészáros, deve priorizar uma autêntica emancipação humana, por meio da qual ela seja uma das vias de superação de estranhamentos presentes no sistema capitalista.

Palavras-chave: Educação. Formação Humana. Internalização.

Abstract:

*In the present work, we seek to present the double meaning of education, based on the thinking of György Lukács in his work *Towards an ontology of the social being*, and of István Mészáros in his work *Education beyond capital*. We know that education must be oriented towards the constitution of an authentic human emancipation, breaking with conceptions that seek to meet capitalism and that aim to maintain the social status quo. For Lukács, education has two meanings: the broad meaning, which concerns the continuous process of human formation; and the strict sense, which refers to more specific forms of education, such as schooling, for example. In this last sense, education has a double aspect, as it can be used to internalize and/or fix certain behaviors required by society in a negative way, when meeting the dictates of capitalism, or in a positive way when it turns to preparing men for their sociability. In this last aspect, an education oriented beyond capital, as defended by Mészáros, must prioritize an authentic human emancipation, through which it is one of the ways to overcome the estrangement present in the capitalist system.*

Keywords: Education. Human formation. Internalization.

1. Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Ontologia do Ser Social, Ética e Formação Humana. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8922-2931>

2. Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de Filosofia na rede de educação básica do estado do Ceará. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Ontologia do Ser Social, Ética e Formação Humana. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5032-9694>

3. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e em Educação, ambos da Universidade Federal do Ceará (UFC). Líder do grupo de Estudos e Pesquisa Teoria Crítica, Filosofia e Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9061-840X>

1. INTRODUÇÃO

No presente artigo, trataremos sobre os dois sentidos da educação, amplo e estrito, e o duplo aspecto da sua internalização, de forma negativa e/ou positiva, tomando por base o pensamento de György Lukács em sua obra *Para uma ontologia do ser social*. O filósofo húngaro, ao investigar sobre a gênese do ser social, concebe o ser no seu aspecto histórico e transformador, baseando-se, desse modo, na perspectiva marxiana do materialismo histórico-dialético que considera o ser em seu caráter processual.

Lukács principia sua investigação assumindo, assim como Marx (2017), a categoria do trabalho⁴ como fundamento ontológico do ser social, pois é através dela que o homem supera o seu estado de animalidade para se tornar social. Esse processo somente é efetivado juntamente com a categoria da reprodução, no qual podemos situar a educação, pois por meio dela é possibilitado o acúmulo de conhecimentos obtidos pelo exercício do trabalho, como também o repasse desses conhecimentos. Assim, podemos considerar a importância tanto do trabalho como da reprodução na constituição da generidade humana.

Antes de tratarmos sobre o complexo da reprodução e situarmos os dois sentidos da educação e o duplo aspecto da sua internalização, é necessário tratarmos sobre o complexo do trabalho, compreendendo a sua função na passagem do estado de animalidade do ser ao seu estado de socialidade. Somente a partir disso podemos identificar o papel da reprodução enquanto complexo responsável pelo repasse de conhecimentos, cujo intuito é orientar a conduta dos seres humanos para a realização de determinados fins. Portanto, é nesse complexo que situamos a internalização da educação em seu duplo aspecto: seja aquele que visa a sociabilidade humana, seja aquele que visa a manutenção do status quo do modo de produção capitalista.

2. A REPRODUÇÃO E SUA DIMENSÃO ONTOLÓGICA

Lukács, no processo da gênese do ser social, concebe ao trabalho o lugar de destaque, resgatando os preceitos da concepção ontológica de Karl Marx (2017). Em ambos os autores a categoria do trabalho é fundamental para a superação da animalidade e para a constituição do ser social, por conseguinte, para a efetivação do processo de humanização do homem. Daí assumir que "[...] o trabalho pode ser considerado o fenômeno originário, o modelo do ser social" (LUKÁCS, 2013, p. 44). Portanto, ao agir sobre a natureza orgânica e inorgânica, o homem além de transformá-la em um novo produto, ao mesmo tempo ele se transforma.

Desse modo, é caracterizado o salto ontológico que resulta no ser social, um ser qualitativamente distinto em relação aos seres meramente naturais. Isto se realiza a partir de um processo teleológico, no qual o homem visa alcançar um fim idealizado e pré-estabelecido por ele mesmo, exteriorizando-o de modo objetivo. A teleologia é considerada, tanto por Lukács quanto por Marx (2017), como exclusivo da esfera humana, visto ser por meio dela que o homem estabelece uma finalidade que é manifesta através do trabalho. Então, só se pode conceber a gênese do ser social tendo em vista que o ser se difere de sua base biológica a partir do trabalho, ou seja, da realização contínua dos pores teleológicos⁵.

Segundo Lukács, o ato de transformar a natureza para satisfazer alguma necessidade humana corresponde *aos pores teleológicos primários*⁶, que se encontram no âmbito do metabolismo entre homem e natureza. A realização desses pores se dá na vida cotidiana do homem que se constitui em suas experiências de sucesso e fracasso, resultando em conhecimentos e habilidades adquiridos no processo de investigação dos meios e propriedades para a realização dos fins.

4. Tanto Lukács quanto Marx, identificam o trabalho enquanto ponto de partida para a investigação do ser social, pois "Ele afirma [Lukács], comungando com as ideias de Marx, que o trabalho é a atividade fundadora e estruturadora do homem e, consequentemente, da sociedade." (LOPES, 2006, p. 28, acréscimo nosso).

5. Cf. LUKÁCS, 2013, p. 52.

6. Sobre os pores teleológicos primários e os secundários, Lopes (2006, p. 32) afirma: "Trata-se aqui da subordinação da vontade ao objetivo, à teleologia primária, estabelecida pelo próprio homem levando em conta a causalidade natural. No âmbito das teleologias secundárias também é preciso uma subordinação da vontade ao objetivo levando em conta a causalidade, agora social; porém, em ambos os casos, não se trata de uma subordinação passiva, o que levaria a admissão de um determinismo".

Todo o processo teleológico implica a realização de um fim; por conseguinte, pressupõe uma consciência mediadora que estabelece esses fins e é a partir disso que é construída nos homens uma consciência ativa e intencional, responsável pelo desenvolvimento do processo de humanização, pois permite que o homem possa escolher, dentre as alternativas que são apresentadas pelo meio social, a melhor opção para a satisfação de suas necessidades. É esse aspecto do trabalho que viabiliza a produção e a reprodução⁷ da vida social dos seres humanos, pois ao reagir às alternativas que são apresentadas, o homem adquire experiências por meio do trabalho, possibilitando uma adaptação às circunstâncias que não são criadas pela natureza, mas que são escolhidas e criadas autonomamente pelos homens. Nisto consiste a saída do homem de sua esfera meramente biológica para a esfera social, proveniente do salto ontológico. Sobre isso, Lukács (2013, p. 82) afirma que:

Também sob esse aspecto o trabalho se revela como veículo para a autocriação do homem enquanto homem. Como ser biológico, ele é um produto do desenvolvimento natural. Com a sua autorrealização, que também implica obviamente, nele mesmo um afastamento das barreiras naturais, embora jamais um completo desaparecimento delas, ele ingressa num novo ser, autofundado: o ser social.

Cabe esclarecer que em níveis mais elevados de sociabilidade o trabalho não se restringe apenas à transformação da natureza, caracterizado pelos pores teleológicos primários, mas além disso, são gerados complexos sociais que se referem à influência e orientação das ações de outros homens para a realização de fins desejados. Em relação a esse estágio, Lukács define como pores teleológicos secundários. É a partir disso, de acordo com Lukács, que consideramos que a análise do trabalho não pode ser feita tratando-a de modo isolada, visto ser compreendida, adequadamente, quando inserida em sua totalidade dinâmica e complexa, pois o filósofo húngaro identifica que todas as categorias do ser social se dão numa inter-relação. Portanto, observamos que as considerações acerca do trabalho estão orientadas para além de si mesmas, alcançando, assim, as formas de reprodução, tanto biológicas quanto sociais, posto que ambas existem traços comuns, "[...] uma vez que em ambas as esferas um momento decisivo do desenvolvimento

consiste em que as categorias dos estágios inferiores do ser sejam subjugadas, transformadas, em favor da dominação das suas próprias categorias." (LUKÁCS, 2013, p. 171).

Contudo, existe uma distinção de ordem qualitativa entre reprodução biológica e a reprodução social do ser, pois a primeira, em sentido estrito, se refere às tendências reprodutivas vitais que consistem na perpetuação da espécie. Esse tipo de reprodução não ocasiona mudanças radicais no meio ambiente, visto que depende das condições biológicas do próprio meio natural. Isso não significa que, posteriormente, a reprodução natural não sofra influências do trabalho, pois a sociedade deixa de procurar suas condições produtivas e reprodutivas na esfera natural e passa a buscá-las no âmbito da práxis social, caracterizando assim a reprodução em seu aspecto social. Apesar de o gênero humano tornar-se cada vez mais social, ele jamais deixa de pertencer ao âmbito natural, pois o que ocorre é um processo de afastamento da barreira natural.

Em termo biológicos, as características fundamentais e elementares da vida se chamam nascimento, vida e morte, as quais não possuem nenhuma analogia no ser físico; elas são consequências diretas desse fato ontológico fundamental. Como o ser social tem como base irrevogável o homem enquanto ser vivo, está claro que essa forma de reprodução deve constituir um momento igualmente irrevogável também na reprodução social. Mas apenas um momento, pois da ação social conjunta dos homens visando à reprodução de sua vida, que permanentemente compõe o fundamento ontológico de todas as suas ações cooperativas, surgem categorias e relações categoriais totalmente novas, qualitativamente distintas, que, como já vimos e ainda veremos, têm um efeito modificador também sobre a reprodução biológica da vida humana. (LUKÁCS, 2013, p. 170).

Nesse sentido, para uma correta compreensão do ser social a categoria da reprodução se apresenta como decisiva, visto que a existência do gênero humano depende de sua ininterrupta reprodução. Porém, a partir do processo de afastamento da barreira natural, os princípios sociais passam a prevalecer em relação às determinações biológicas no indivíduo, que passam a assumir um caráter secundário.

7. Sobre a categoria da Reprodução, Vaisman e Fortes (2019, p. 246) afirma: "Lukács analisa o problema da reprodução no segundo capítulo da chamada parte sistemática de *Per l'ontologia dell'essere sociale* (1981) depois de ter caracterizado o complexo categorial do trabalho. É justamente no campo da reprodução, então

Desse modo, a reprodução confere ao ser humano um caráter peculiar que o capacita para responder de maneira ativa e intencional às alternativas que lhe são apresentadas pelo meio, tanto social quanto natural, tendo como direção a constituição da genericidade humana, pois o trabalho, enquanto ato do homem singular, é concebido como social e o eleva para a genericidade quando viabiliza o salto ontológico da animalidade, até então muda, tornando-o consciente. Nessa perspectiva, a constituição do gênero humano representa diferenciações qualitativas em relação aos níveis inferiores do ser, em que o ser social deve ser entendido em seu aspecto histórico-social e a educação representa um processo de suma importância.

3. OS SENTIDOS DA EDUCAÇÃO E O DUPLO ASPECTO DA INTERNALIZAÇÃO

Entendendo que o trabalho corresponde à categoria fundante do ser social e, desse modo, se torna determinante para o desenvolvimento da práxis social do homem, possibilita a sua reação de modo ativo e intencional ao meio que o circunda. Observamos que o desenvolvimento do ser também necessita da reprodução, tanto biológica quanto social, para efetivar o trabalho e a continuidade do gênero humano. Assim, é no âmbito da reprodução que Lukács situa a educação, considerando-a importante para o desenvolvimento do ser social e a constituição da genericidade humana.

Desse modo, a educação não passa despercebida em relação à formação do ser social e a sua produção e reprodução, sendo de suma importância para a realização de qualquer pôr teleológico mediante o trabalho. Sendo assim, a educação possui um caráter essencial, visto que é por meio dela que o indivíduo é capacitado para reagir de modo adequado aos acontecimentos que se apresentem imprevisivelmente pela sociedade. Lukács identifica dois sentidos da educação: o sentido amplo, no qual ela se dá em um processo contínuo e sem fim, tendo como intuito preparar o ser social para responder adequadamente às determinadas exigências da sociedade; e o sentido estrito, que diz respeito às práticas pedagógicas, responsáveis por capacitar os indivíduos para a sociedade e, nesse sentido, destacamos a educação escolar, dentre outras. Até certo ponto, isso significa formar no ser humano uma aptidão para responder a decisões alternativas. Lukács adverte que a educação não deve traçar limites entre seu sentido amplo e seu

sentido estrito, pois:

[...] a educação do homem – concebida no sentido mais amplo possível – nunca estará realmente concluída. Sua vida, dependendo das circunstâncias, pode terminar numa sociedade de tipo bem diferente e que lhe coloca exigências totalmente distintas daquelas, para as quais a sua educação – no sentido estrito – o preparou. (LUKÁCS, 2013, p. 176).

Podemos dizer que o processo da educação se caracteriza pela relação entre a constituição biológica dos seres humanos e os aspectos sociais, pois certamente o processo educacional pode produzir efeitos sobre a constituição biológica do ser humano. Porém, a esfera social é responsável pelas mudanças ocorridas na esfera orgânica dos homens. Desse modo, a educação constitui um processo que visa suprir exigências e necessidades da esfera social, requerendo que seus membros possuam determinados conhecimentos, habilidades e/ou comportamentos. Assim, a educação encontra-se situada nos pores teleológicos secundários, que se referem à possibilidade de orientar de modo intencional os seres humanos, contribuindo para a manutenção da reprodução social.

A partir disso, podemos entender que a educação se constitui enquanto um processo puramente social, mas que não pode produzir certas propriedades contrárias à própria natureza humana. As habilidades promovidas pela educação nos seres humanos são concebidas apenas enquanto possibilidade que podem ser efetivadas dependendo do desenvolvimento singular de cada ser humano, pois inicialmente se realiza mediante as ações dos homens singulares, já que a realidade do ser social se manifesta primeiramente no indivíduo e quando estas ações passam a se encaixar umas nas outras, resultam em um complexo de relações entre indivíduos, adquirindo uma dinâmica própria em que não apenas existem, mas se reproduzem no meio sendo operacionalizadas socialmente. Assim, podemos dizer que o gênero humano possui diferenciações qualitativas profundas, se apresentando como uma categoria histórico-social inacabada, que se desenvolve continuamente de modo contraditório e desigual.

Esse processo formativo compreende a educação tanto no seu sentido amplo, como estrito, e nesse último caso, ela apresenta um duplo aspecto: podendo possuir um sentido negativo, quando a sua internalização atende aos ditames da sociedade capitalista; e/ou positivo, quando tem por finalidade a preparação do homem para

a sua sociabilidade e, nesse sentido, se propõe a capacitar o ser humano a reagir ao meio para escolher dentre as alternativas a que melhor satisfaz sua necessidade. Por outro lado, até a educação mais consciente, por vezes, não consegue preparar o homem de modo satisfatório diante da infinidade de momentos novos e contraditórios que possam se apresentar, dado o seu desenvolvimento contraditório e desigual.

Portanto, no que diz respeito à manutenção do status quo social, a educação por ser um instrumento de repasse de conhecimentos e habilidades adquiridos ao longo do tempo na sociedade, pode colaborar com a permanência das tradições, valores e cultura de um povo, tendo em vista proporcionar uma internalização de tais conhecimentos; como podem também romper com tais valores que são reproduzidos pela educação no sentido mais amplo.

O complexo da educação possibilita, assim, que o trabalho e a reprodução do ser social alcancem níveis mais elevados da generidade humana, superando a particularidade do ser humano singular. Do mesmo modo, todo esse processo de formação do ser social viabiliza a constituição de uma consciência da humanidade, considerada como gênero humano em toda a sua práxis social, permitindo a compreensão da sociedade enquanto totalidade social.

Entendemos, a partir de Lukács, que a educação é essencial para a formação do ser social, como também para a produção e reprodução do conhecimento, buscando capacitar o indivíduo para a sociedade, tornando-o habilitado para responder de modo intencional à questões que são apresentadas enquanto alternativas. É dessa maneira que a educação colabora com o desenvolvimento humano, viabilizando a constituição da generidade humana sem romper com o fundamento biológico do ser social, em que, por meio do trabalho, "[...] o indivíduo também se torna, mediante a consciência de sua práxis, membro (não mais mero exemplar) do gênero, o qual, de início, todavia, é posto, no plano imediato, como totalmente idêntico com a respectiva comunidade existente." (LUKÁCS, 2013, p. 298).

Ao considerar que o complexo da educação se faz essencial para a formação do ser social, capacitando-o para atuar no seu entorno e fazendo com que se identifique como membro de seu gênero, torna-se necessário explicitar a questão da internalização no seu

caráter negativo. Nesse sentido, devemos entender que tal complexo está inserido numa totalidade social, sendo esta uma estrutura social que é composta por seres distintos e que possuem interesses antagônicos atuando em seu interior, objetivando impor-se. É nesse campo de ação que as ideologias se manifestam, visto que se apresentam como características das sociedades de classes. Porém, os interesses só determinam as estruturas sociais a partir do momento em que os homens em sua singularidade põem em movimento essas determinações mediante a práxis social, impondo-os aos outros homens.

Os interesses e objetivos de uma determinada classe na sociedade prevalecem nela por diferentes vias, sendo uma delas a educação, pois ela tem a capacidade de repasse dos conhecimentos e também de interesses. Mészáros, por seguir a corrente materialista-histórica, vai conceber a educação considerando suas bases relacionadas ao nível de socialidade alcançado. Desse modo, entende que uma educação que se dá a partir do capitalismo, tem princípios fundamentados em ideais mercadológicos. Portanto, mesmo se preocupando com o gênero humano, ainda assim encontra-se submetida ao interesse do capital. Nesse sentido, Mészáros vai afirmar que a educação deve preparar os indivíduos para "[...] assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias as metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema [capitalista]." (MÉSZÁROS, 2008, p. 44). Logo, constituída desse modo, a educação estaria reduzida a uma internalização de valores e comportamentos que legitimam certos parâmetros sociais que advém de uma relação de hierarquia.

Ao possuir assegurado esse processo de internalização que reproduz essa lógica do sistema capitalista, a sociedade não necessitará recorrer aos meios coercitivos para a manutenção de seus interesses, visto que a educação nesse momento assume a função de tornar os homens alienados, passando a naturalizar a hierarquia social, não concebendo como algo construído de modo histórico-econômico, mas como algo natural. Nessa perspectiva, a educação e suas instituições de ensino tornam-se de suma importância para o processo global de internalização de tais princípios mercadológicos e manutenção do sistema capitalista, pois os indivíduos passam a ser induzidos a aceitarem, parcialmente ou totalmente, os princípios dominantes da própria sociedade capitalista, se adequando a tarefas que foram atribuídas pela classe dominante. Daí considerar que "Uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta

conformidade ou 'consenso' quanto for capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados." (MÉSZÁROS, 2008, p. 45).

Nessa perspectiva, Mézárós não admite que se possa esperar que uma sociedade mercantilizada valide uma educação formal que rompa com a lógica capitalista, nem mesmo por uma via reformista, na qual sejam feitas algumas reformulações, não transformará essa concepção, visto que os ideais capitalistas se constituem intactos, sendo referências norteadoras dessa sociedade, deixando de lado uma formação humana omnilateral, que Marx defendia, capaz de propiciar a emancipação humana.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, compreendemos que ao exercer o ato de transformar a natureza para satisfazer as suas necessidades, o homem acaba por transformar a si próprio. A realização dos seus pores teleológicos resultam no desenvolvimento de conhecimentos e habilidades que são adquiridas no processo de investigação dos meios e propriedades para a realização dos fins. Esse processo é responsável pelo desenvolvimento da humanização, pois permite que o homem possa escolher dentre as alternativas que são apresentadas pelo meio social, no qual produz e reproduz a vida humana.

Dessa forma, a reprodução confere ao ser humano um caráter peculiar que o capacita para responder de maneira ativa e intencional às alternativas que lhe são apresentadas pelo meio, tanto social quanto natural, efetivando o trabalho e tendo como intuito a constituição da generidade humana.

A educação é situada por Lukács no âmbito dos pores teleológicos secundários, que se refere à categoria da reprodução que, por sua vez, têm como objetivo orientar a mentalidade de outros homens para realizarem determinados fins idealizados previamente⁸. Logo, a

educação possui um caráter essencial, visto que é por meio dela que o indivíduo é capacitado para reagir de modo adequado aos acontecimentos que se apresentem imprevisivelmente pela sociedade. Vimos que, para Lukács, a educação apresenta dois sentidos: no sentido amplo, ela se dá em um processo contínuo e sem fim, tendo como intuito preparar o ser social para responder adequadamente à determinadas exigências da sociedade; já em seu sentido estrito, podemos concebê-la no que diz respeito às práticas pedagógicas, responsáveis por capacitar os indivíduos para a sociedade. Vimos que aqui, no sentido estrito, se insere a questão da internalização no seu duplo aspecto: pode voltar-se para os ditames da sociedade mercadológica e capitalista, manifestando o seu caráter negativo; porém, sem perder a sua dimensão de socialização e no sentido de preparar os homens para viver em sociedade. É nesse último aspecto que remetemos à posição de Mézárós quando defende uma educação para além do capital.

Portanto, por ser concebida como um instrumento de repasse de conhecimentos e habilidades adquiridos ao longo do tempo na sociedade, a educação tanto pode colaborar com a permanência das tradições, valores e cultura de um povo, tendo em vista proporcionar uma internalização de tais conhecimentos; como pode também romper e gerar novos valores.

Em suma, na ótica de Mézárós a educação inserida na lógica mercadológica, estruturada em seus princípios capitalistas não seria capaz de romper com o status quo desse sistema, apenas servindo para a sua manutenção, pois não admite que uma sociedade mercantilizada valide uma educação formal que rompa com a lógica capitalista. Entretanto, Lukács em sua perspectiva ontológica da reprodução considera que, embora alicerçada numa sociedade capitalista, a educação contém, em si, uma possibilidade de superação dos estranhamentos provenientes do capitalismo.

8. Sobre esse aspecto da prévia ideação, Marx (2017, p. 255-256) afirma: "Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural, ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade."

5. REFERÊNCIAS

LEMOS, J. H; SOUSA, J. S. Obscurecimento da noção de formação humana no sistema educacional: reflexões em György Lukács e Demerval Saviani. **Eleutheria**: Revista do Curso de Filosofia, Minas Gerais, v. 5, n. ESPECIAL, p. 64-75, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/12210>. Acesso em: 15 jul. 2022.

LOPES, F. M. N. **Lukács**: Estranhamento, Ética e Formação Humana. 176 f. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3286>. Acesso em: 02 mar. 2019.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

SOUSA, J. S. O trabalho como estrutura fundamental do ser social na ontologia de György Lukács. 127 f. 2021. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/60142>. Acesso em: 15 jul. 2022.

VAISMAN, E; FORTES, R. V. Três abordagens distintas sobre a categoria da reprodução: Lukács, Althusser e Bourdieu & Passeron. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 245-255, jan. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/download/9423/6717/>.